

2007 - As etére(n)as ajudas do G8

As etére(n)as ajudas do G8

por: Eugénio Costa Almeida©

Mais uma reunião do G8+1 (para a foto), o chamado grupo dos países mais ricos e desenvolvidos, mas que na prática, a maioria sê-lo-á menos que alguns países latino-americanos ou africanos, basta ver que entre eles está a Itália, cujo desenvolvimento económico vem decrescendo há umas décadas a esta parte – provavelmente já foi, há muito, ultrapassada pelos espanhóis –; ou a Rússia, cujo crescimento é mais fictício que real e muito inferior à China, considerada já como a 4ª economia do Mundo. O mais 1, refere-se à União Europeia que já lá está através do Reino Unido, da França, Alemanha e Itália; mas como a União é cada vez mais um grupo de muitos egos emergentes, os restantes, nomeadamente os quase-grandes, caso da Espanha, por exemplo, precisavam também de se fazerem sentir presentes e impedirem que os chamados 4 grandes da UE mantenham o predomínio na União. Desta vez a reunião foi na Alemanha, em Heiligendamm, e tinha como base de partida a sustentabilidade climática e a redução do CO2 na atmosfera. Uma base de trabalho inquinada desde o início porque nem os EUA nem a Rússia querem perder vantagens ganhas para o seu desenvolvimento, mesmo que à custa da saúde do resto do Mundo. Ou seja, e como sempre, uma base que mais não foi que um etéreo ponto de partida para discussões inúteis e inconsistente, a maioria, entre aqueles que querem manter o predomínio do seu poder sobre quase 80% do Mundo. Todavia não se pode deixar de salientar que, desta vez, a chanceler alemã, a anfitriã, conseguiu que alguns pontos fossem abordados com alguma seriedade e levasse os seus convidados a analisarem casos mais concretos. De entre eles salienta-se o facto dos G8+1 (para a foto) perceberem que não podem continuar a deixar de lado as economias mais emergentes como a China, o Brasil e a Índia. Registe-se, todavia, que tanto a China como a Índia, além da África do Sul e México, estiveram como “outsiders” no evento, convidados pela senhora Angela Merkel, a chanceler alemã. Tendo em conta esta situação o “mais ricos” decidiram que têm de começar a estabelecer um sistema permanente de consultas políticas com estes países, bem assim outros que estão em claro crescimento, casos de Angola, Nigéria, África do Sul, México, Coreia, etc., sob a ajuda da OCDE. Ficou lançado o “Processo de Heiligendamm”. Os resultados, provavelmente iguais aos da ajuda a África. E isto foi o que de mais importante ficou esquecido. Se a discussão da sustentabilidade climática era atraente e importante não menos seria a sempre política e mediaticamente interessante prometida ajuda a África. E se no início esteve esquecida, no fim não puderam deixar de a ela se referirem. E uma vez mais a utopia e o descaramento estiveram presentes. Em 2002 Bush afirmou que o G8 passaria a trabalhar em conjunto com os Africanos, sob a NEPAD, com vista minorar e ajudar a combater a pobreza no Continente. Há dois anos, na escocesa Gleneagles, o ainda premiê britânico Blair, no chamado “plano Brown” denominado “Nosso interesse comum”, propôs um perdão total da dívida, numa primeira fase, a 18 dos países mais pobres do Mundo, entre eles, 14 africanos. Mais tarde seriam perdoados mais 20 países. Já na altura, num artigo publicado no matutino português Jornal de Notícias questionava da exequibilidade desta ajuda e deste perdão. Dois anos depois fico com a certeza que estava certo em temer que isto mais não fosse que cosmética para satisfação de uns quantos e engrossamento dos bolsos de uns outros. Recordo que em Janeiro de 2006 no “Le Monde Diplomatique” o economista senegalês Demba Moussa Dembeé escrevia uma acutilante análise onde acusava Blair de ter concertado com Bono e Geldorf o concerto “Aid Africa” que mais não foi que um acto de propaganda ao plano Brown. Dois anos depois verificamos que Bono e Geldorf criticam a reunião de Heiligendamm considerando-a um fracasso e uma “pura farsa” no que tocou a África. Dois anos depois a reunião de Heiligendamm, onde, segundo parece, a chanceler alemã tentou por mais de uma vez trazer para a mesa de reuniões a ajuda a África tendo sido sempre bloqueadas, voltou a parir um rato. No final da reunião o G8+1 (para a foto) decidiu destinar US\$ 60 biliões “nos próximos anos” à luta contra o HIV/SIDA, a tuberculose e a malária, e mais US\$ 50 biliões a um programa de desenvolvimento na África. Mas esqueceram-se de esclarecer se já contava a ajuda anteriormente prometida ou se era um complemento à citada ajuda que, na prática, ninguém viu. Por isso não admira que algumas vozes tenham criticado esta eterna – leia-se etérea – ajuda a África. Por exemplo Ulrich Post, um especialista alemão sobre o desenvolvimento e assistência internacional, da ONG “Welthungerhilfe” não reafirmou que a declaração de ajuda à África era “apenas cosmética”; e lamentou que a declaração do G8 apenas mencionasse “a agricultura no continente com uma única frase” perante um facto incontestável de haver mais de “200 milhões de pessoas que sofrem subnutrição crónica, das quais 80% vivem em áreas rurais”; um atitude que Post considerou de escandalosa”. Resumindo, a reunião de Heiligendamm, onde decorreu o G8+1 (para a foto) iniciou sob forte expectativas e terminou como é natural: num profundo fracasso onde, ainda assim, todos irão dizer que sempre se conseguiu alguma coisa como, a redução de emissão de gases de efeito estufa, mas sem prazos definidos e uma “exemplar” ajuda a África. Por favor deixem de gozar com o Mundo! 12-junho-2007 ©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed. nº. 120, de 23-Junho-2007 sob o título "As eternas/etéreas ajudas do G8"